

Discurso de posse na APL

Dia 13.12.2019

Antônio Torres – Titular da cadeira 1

De sonhos eu faço a vida.

Assim versejava Gustavo Wider, que tenho a honra – e a responsabilidade – de suceder aqui, numa magnânima outorga da entidade literária máxima de Petrópolis.

Às senhoras e aos senhores acadêmicos, a Sonia Regina Aguiar Torres da Cruz - que há uns bons 12 anos me puxou serra arriba, salve ela! -, assim como a todos que nos prestigiam esta noite, quereria trazer palavras com o status das flores, a condizerem tanto com a essência desta cerimônia, quanto com a da cidade das hortênsias, que em seu hino oficial rima *gloriosas tradições com cultura e fibra de homens que vieram de outras nações*, cujo autor, Geraldo Ventura Dias, foi membro desta Academia, onde ocupou a cadeira que hoje pertence ao poeta Sylvio Adalberto Nascimento, a de número 8, justamente a que tem como patrono o imperial fundador da urbe em que se encontrava quando foi apeado do seu trono e levado para o exílio, e com ela sonhava nas noites do inverno europeu, achando que havia voltado a estes pagos. Quando acordava, ia ler um livro, ou escrever um poema com versos assim:

Qual o infante a dormir em peito amigo,

Tristes sombras varrendo da memória,

Ó doce pátria, sonharei contigo!

Fosse a sua alma imortal a discursar aqui, certamente começaria assim: “Nasci para os livros e a ciência”.

Isto para dizer que a vocação de Petrópolis para as letras vem de berço.

Vindo de outra nação, a das Minas Gerais, Geraldo Ventura Dias aqui viveu por 40 anos. *Estrangeiro* que nem ele e tantos mais, aqui cheguei desejoso de lhes poder oferecer *pérolas de chuva, vindas de um país onde nunca chove* - como cantava o canário belga Jacques Brel. No país de onde vim, chamado sertão, sonha-se que o céu é verde, cheios de bosques e jardins, predominando o perfume das flores, como num poema do nosso confrade, o professor Paulo César dos Santos. Sobre Petrópolis.

Nem tudo, porém, são flores, sabemos todos.

Na cidade, no país, no mundo.

Há uma tentativa de acabar com o sonho e a transcendência – adverte-nos a atriz Débora Bloch, a professora Júlia da série televisiva *Segunda chamada*, em entrevista à repórter Maria Fortuna, publicada no Segundo Caderno do Globo, dia 2 deste dezembro. *Mas a arte sempre resistiu e resistirá* – Débora ressalva. Ao que, no dia seguinte – 3 de dezembro -, um outro Bloch, o Arnaldo, jornalista e escritor, em sua coluna semanal no mesmo caderno, bateu na mesma tecla - como se o fizesse com os dedos de muitos e muitos de nós, os que escrevemos, filmamos, interpretamos, compomos, cantamos, dançamos, conferenciamos, discursamos, pintamos e bordamos -, ao tocar - ele, Arnaldo Bloch -, no “bem interior” que resiste, bravamente, à máquina mortífera contra os que celebram a vida, a arte, o pensamento, a liberdade, o amor à diferença, e o cuidado com o mundo que habitamos, em nome das gerações futuras. “Quando os novos e estufantes ares se instalaram por aqui, muita gente boa andou dizendo que o termo

‘resistência’ era inadequado. Era preciso dar tempo ao tempo. O tempo foi dado. O que essa gente boa tem, agora, a dizer?”

Uma voz vinda de longe, do fundo do tempo, não da intérprete de uma professora de ficção, mas de outra, da vida real, a ressurgir como um alento aos “novos e estufantes ares” que “se instalaram por aqui”, me responde, como se de uma leitora de Gustavo Wider fosse:

Haja o que houver, continuemos a fazer de sonhos as nossas vidas.

- Chegue à frente, Dona Serafina!

Professores sempre foram, sempre são, e sempre serão bem-vindos nesta Casa, que desde sempre festeja a Educação, as Letras, as Artes, o Pensamento, a Cultura. Tudo em maiúscula, por favor. Porque a diversidade e pluralidade do conhecimento, de formas de expressão e de gêneros literários são basilares para uma Academia de Letras, que deve sempre se pautar pela consciência de que **contrastar concepções não é contrapor pessoas**, como nos ensina o historiador Arno Welling, num magnífico ensaio recém-publicado na Revista Brasileira, da Casa de Machado de Assis.

O que deu o lema da Academia que ele mesmo fundou:

Esta é a glória que fica, eleva, honra e consola.

O *Bruxo do Cosme Velho* e Gustavo Wider tiveram algo em comum: não terminaram o curso primário. E chegaram aonde chegaram. Cada um por seu caminho.

O meu me leva agora ao começo da caminhada que me trouxe até aqui.

À maneira de um Federico Fellini, *amarcord*.

Sim, eu me recordo de uma professorinha a segurar a mão trêmula de um menino metido numa calça curta azul marinho, camisa branca, sapato preto bem lustrado e uma fitinha verde e amarela pregada no peito, pronto para uma singela comemoração do Dia da Pátria.

A professora ajudou o menino a subir num palanque montado à porta da sua escola, uma casinha bem modesta, onde ela morava, para recitar um poema de Castro Alves - que vem a ser o patrono da cadeira 28, que hoje o confrade Cleber Francisco Alves ocupa nesta Academia, que aquele menino, naquele mundo agrário e ágrafo, esquecido nos confins do tempo, sem rádio e sem notícias das terras civilizadas, estava longe de saber que existia. Mas agora – naquele agora -, ali havia chegado uma professora para guiar as crianças pelo reino encantado das palavras, e nele iniciarem os seus processos civilizatórios, o que incluía a leitura de poesia em voz alta, todo santo dia. Como aquela que fez o menino desta história surpreender uma praça pública que de empoeirada e deserta passara a se apinhar de gente, levando-o a ficar com tremedeira nas pernas, ao ver tanto povo à sua frente. Ainda assim, foi capaz de soltar a sua voz gasguita:

Auriverde pendão da minha terra

Que a brisa do Brasil beija e balança

Estandarte que a luz do sol encerra

E as divinas promessas da esperança.

O público reagiu com um emocionado aplauso à *catilogênia* de uma criança capaz de guardar na memória todas

aquelas palavras bonitas. Dali por diante, se perguntassem àquele menino o que ele queria ser quando crescesse, responderia, sem titubear:

- Castro Alves!

Foi então que o percurso diário de uma casa de roça até a escola, na rua, como todos chamavam o povoado onde ela ficava, passou a ser feito em estado de graça, numa viagem inventada no feliz, como a do menino do maravilhoso conto *As margens da alegria*, de São João Guimarães Rosa. Às margens do caminho daquele outro menino balançavam os auriverdes pendões da esperança, dando-lhe passagem para um radiante futuro, a bradar-lhe, em coro, *avante, avante*, enquanto sua alma adejava pelo infinito, com mil passarinhos a festejarem a sua passagem, cada qual com seu jeito, cada qual com sua mensagem, musical, alguns ainda espreguiçando a voz, ensaiando, borboletas acenando com uma bandeira amarela, e a sirene de uma cigarra atravessando os ares como um caminhão, tal qual seria descrito num poema que Gustavo Wider ainda iria escrever, dando-lhe o título de “Paisagens”.

Meninos, eu conto: a professora chamada Serafina acabou por fazer de sonho a vida de um tabareuzinho (tradução: caipira, capiau, matuto, campesino), destinado ao cabo de uma enxada, para quem chegar à palavra escrita, e com ela à poesia, foi como descobrir um universo mágico, encantatório, a lhe abrir os olhos para os enigmas que povoam o imaginário humano, como o de que no princípio era o verbo e o verbo estava com Deus.

Aquela escola trouxe-lhe o verbo já feito literatura, uma criação humana que levou o bicho-homem - fabulista, fabulador, fabuloso por natureza -, da palavra falada à escrita. E ela, a literatura, desenvolveu-se com a evolução da espécie - da

caverna à Universidade, do papiro ao papel e deste ao admirável mundo novo da *web*. Nessa sua trajetória, adquiriu uma existência concreta - ou seja, corpo, forma, difusão e perenidade -, a partir do advento da imprensa, no século 15 depois de Cristo, aprenderia mais tarde.

A chegada da professora Serafina foi um verdadeiro corte epistemológico naquelas baixadas de poeira e solidão, na qual se vivia para plantar e colher, de olho no céu para adivinhar sinais de chuva. Outros foram os sinais trazidos pela professora, de quem os pais fugiam como o diabo da cruz, por acharem que escola não enchia barriga de ninguém. Dona Serafina não se deu por vencida. Foi de roça em roça à busca de uma aliança com as mães, numa catequese vitoriosa, da qual iria se beneficiar outra professora, que ali chegaria para inaugurar uma nova escola. “Leve os meninos”, disse-lhe dona Serafina. Triste notícia. Que graça teria uma escola sem meninas?

A recém-chegada chamava-se Teresa e trazia uma novidade: um livro com o título de “Seleta Escolar”, que vinha a ser uma antologia de contos, crônicas, e trechos de romances, como o começo de “Iracema”, de José de Alencar: “Verdes mares bravios da minha terra natal, onde canta a jandaia, na fronde da carnaúba”.

Imaginem o efeito disso naqueles meninos que viviam num lugar onde nem rio havia. Danaram a sonhar com os verdes mares.

Como também não tinham intimidade com a chuva, o tema de um exercício de escrita passado pela nova professora, o dever escolar levou-os a dar asas à imaginação.

Não me recordo do que o menino que queria ser Castro Alves escreveu, naquele dia.

Mas faço dele o poema “Esperança nordestina”, do livro “Amola-Dor”, do mestre Ataulpa Antônio Pereira Filho, titular da cadeira 37 desta Academia, e presidente da Academia Petropolitana de Educação:

Vendo os pingos de chuva a cair,

Um cheiro, um chamego,

Um denço, um cafuné,

A gente na rede embalando sonhos.

Depois da chuva,

Vem um cheiro de terra molhada,

Um cheiro de mato verde.

E

A esperança no roçado,

No milho plantado,

No feijão de corda debulhado,

Nos nossos filhos alimentados...

Uma reza,

Uma promessa para se cumprir,

Uma romaria a Juazeiro,

Um agradecimento a Padre Cícero Romeiro.

Aqui no Nordeste,

Acredita-se mais nas intervenções divinas

Do que nas ações dos políticos

Para por fim nessa miséria.

Portanto são muitos os sonhos

Diante dos pingos de chuva.

Senhoras e senhores:

Para quem nasceu no polígono das secas, em meio a tantas carências, sem livros em casa nem nas suas vizinhanças, tornar-se escritor parecia uma possibilidade remota, para não dizer impossível. Mas tive a sorte de me dar por gente quando o estado em que nasci era governado por um político letrado chamado Octávio Mangabeira, que viria a tornar-se o quarto ocupante da cadeira fundada por Machado de Assis na Academia Brasileira de Letras, na qual foi sucedido por Jorge Amado, e que hoje é ocupada exatamente por aquele que aprendeu um pouco mais do que o bê-á-bá em duas das escolas que ele, o governador Mangabeira, fez chegar ao ignoto sertão baiano.

E isto porque ele – reza a História - escolheu a dedo o seu secretariado, no qual tornou figura de proa um educador inquestionável, o professor Anísio Teixeira, que já havia se destacado no Rio de Janeiro e mais tarde iria ser o autor intelectual do projeto da Universidade de Brasília, da qual foi o primeiro reitor, até o golpe militar de 1964, quando começou a ser perseguido por suas ideias liberais, e teve de se mudar para

os Estados Unidos, onde não faltaria instituição de ensino para lhe dar guarida.

A Anísio Teixeira, considerado o principal idealizador das grandes mudanças que marcaram a educação brasileira no século 20, pioneiro da escola pública em todos os níveis e que defendia a necessidade de ajustar o ensino à adversidade das condições concretas, fazendo dele um instrumento de mudança e progresso, atribuo o patronato da trajetória que me traz a esta egrégia Academia.

Nascido em 1900 na cidade de Caetité, no alto sertão baiano, a 640 quilômetros de onde nasci, Anísio Teixeira morreu no Rio de Janeiro no dia 11 de março de 1971 em circunstâncias misteriosas. O seu corpo foi encontrado no fosso do elevador do prédio em que morava o mestre Aurélio Buarque de Holanda, a quem Anísio visitara para pedir-lhe o voto para a Academia Brasileira de Letras. Até hoje pairam dúvidas se o seu trágico fim foi um acidente ou um assassinato.

O que me remete a uma sexta-feira, há 51 anos. Naquele 13 de dezembro, a esta hora, acontecia em Ipanema o lançamento do livro **10 em Humor**, que reunia grandes nomes na arte de fazer rir, como Millôr Fernandes, Stanislaw Ponte Preta, Ziraldo, Henfil, Fortuna. O local escolhido não podia ser o mais apropriado a uma badalação lítero-etílica: um bar na moda chamado Veloso, onde Vinícius de Moraes e Tom Jobim costumavam fazer ponto, e todos sabemos que coisa mais linda, mais cheia de graça eles viram passar, num doce balanço a caminho do mar.

Tudo corria de acordo com a expectativa da promotora do evento, a Editora Expressão e Cultura, cujo dono vinha rindo de orelha a orelha por estar batendo recordes de vendas com *O*

desafio americano, do francês Jean-Jacques Servan-Schreiber, o best-seller da vez, também no Brasil. Oh, quanto riso, quanta alegria. O último a chegar azedou o chope da festa com a mais tenebrosa notícia daqueles anos sessenta: a decretação, pelos militares, do Ato Institucional número 5, o que significava que no dia seguinte alguns ali poderiam ir mofar nos porões da ditadura.

Recordo isso para dizer que ainda está em aberto a investigação que pode – ou não – relacionar a morte do civilizador Anísio Teixeira ao truculento AI5.

E viremos de página, para entrarmos em outra história:

A da imortalidade acadêmica, que semanticamente remonta à mitologia grega e chega à Academia Francesa. À semelhança dessa – a Francesa -, o integrante da Academia Brasileira de Letras e de **todas as outras** que prezam por essa prerrogativa, é “imortal”, ou seja, nem mesmo a morte o desvinculará da instituição na qual tem assento vitalício. Uma vez eleito e empossado, a condição do acadêmico é eterna.

Resgatemos da eternidade, pois, a linhagem que seguirei na cadeira número 1 da APL, que começa com o conselheiro Paulino José dos Santos, o patrono escolhido pelo seu primeiro ocupante, Alfredo de Matos Rudge.

Nascido em Itaboraí em 1834, o conselheiro Paulino José de Souza era filho do visconde de Uruguai. Ao formar-se em Direito, em 1855, foi nomeado adido de primeira classe na Legação Imperial em Viena, sendo no ano seguinte removido para a legação de Londres, onde o seu pai se encontrava em missão diplomática. Na volta ao Brasil, elegeu-se deputado, revelando-se um notável orador parlamentar, que consolidou a sua reputação política à frente do Partido Conservador. Foi

senador e presidiu o Senado por ocasião da Proclamação da República, tendo também se notabilizado pela sua dedicação às causas da instrução pública e da reforma eleitoral. Ao recolher-se à vida privada, passou a ser provedor da Santa Casa de Misericórdia.

Quanto ao primeiro ocupante da cadeira patroneada pelo conselheiro Paulino José dos Santos, nem o *doutor sabe-tudo*, Mister Google, guarda a menor lembrança.

O que obrigou o autor destas linhas a disparar mais um pedido de socorro ao senhor presidente Gerson Valle.

E que primor de resposta:

Fui de novo à Biblioteca Municipal, mas desta vez com um novo dado que me deram: ALFREDO DE MATOS RUDGE é nome de rua em Petrópolis. De pronto vêm-me os versos de Mário de Andrade: “Nesta rua Lopes Chaves/ Envelheço, e envergonhado/ Nem sei quem foi Lopes Chaves.// Mamãe! Me dá essa lua,/ Ser esquecido e ignorado/ Como esses nomes de rua”. Realmente, ninguém sabe quem foi Rudge, nem os mais antigos acadêmicos da APL. Por outro lado, ser nome de rua facilita o conhecimento por ter registro quando de sua proposição na Câmara. Batata! Desvendei, finalmente, o anonimato de mais este “nome de rua”:

ALFREDO DE MATOS RUDGE – Advogado, Procurador dos Feitos da Fazenda, tendo exercido vários cargos públicos, entre os quais o de vereador e de presidente da Câmara, e na Polícia, onde sua administração foi considerada perfeita (sic), despida de reclamações e descontentamentos. Militou também na imprensa, tendo dirigido por algum tempo “um de nossos jornais” (a informação não diz qual, sei lá porque). Publicou no

primeiro número da Revista da APL (1934) o artigo 'História dos limites de Petrópolis' (da página 22 à página 30).

Um abraço,

Gerson Valle.

A quem me dirijo outra vez, de viva voz, para mais um agradecimento, por evitar que neste discurso Alfredo de Matos Rudge fosse uma página em branco.

Ele, o aqui resgatado Alfredo de Matos Rudge, foi sucedido na cadeira número 1 por um descendente direto do seu patrono, outro Paulino José, por extenso, Paulino José Soares de Souza Netto (1894-1976), um carioca com residência nesta cidade. Sua posse ocorreu em 6 de abril de 1946. Bacharel em Direito, seguiu a família, com brilho, na política e na magistratura. Foi membro da Academia Fluminense de Letras e do Instituto Geográfico Brasileiro. Entre as muitas conferências que proferiu destaca-se a intitulada “Fale-me de Petrópolis”.

Paulino José Soares de Souza Netto teve como sucessor o psicólogo, jornalista e professor Jacques Lucien de Burlet, um parisiense nascido em 1912 que, bem moço, veio morar aqui, onde lecionou no Colégio Carlos Alberto Werneck. Foi editor do Jornal de Petrópolis, e ficou conhecido pelo seu espírito alegre, largo sorriso e simpatia, conforme o perfil que lhe traçou o decano desta Casa, o ilustre Joaquim Eloy dos Santos, em artigo publicado na Tribuna de Petrópolis de 14 de fevereiro de 2003. Eleito para a APL em 22/01/1977, Jacques Lucien de Burlet escreveu muito sobre Psicologia e Sexologia. Ele faleceu em 21 de abril de 1993. Para a sua vaga, a APL elegeu o premiado poeta petropolitano Luiz Gonzaga Cavalcanti Filho, e o empossou no dia 21 de maio de 1994, quando foi recebido pelo

acadêmico Miguel Pachá. Encerrada a sessão pelo então presidente Fernando Costa, ao começar a receber as congratulações Luiz Gonzaga emocionou-se tanto que o seu coração não aguentou. Um infarto fulminante levou-o a falecer diante do plenário, aos 70 anos.

Deixada livre abruptamente pelo pranteado poeta Luiz Gonzaga Cavalcanti Filho, a cadeira número 1 viria a ser ocupada por Dom Fernandes Veloso, que nasceu em São Manuel, São Paulo (1916), passou pelo Seminário Menor de Pirapora, cursou Filosofia no Seminário Central de Ipiranga, fez mestrado em Teologia na Pontifícia Universidade Gregoriana e ordenou-se sacerdote em Roma. Mudou-se para cá em 1953. Aqui, foi reitor do Seminário Diocesano e da UCP, diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Bispo Auxiliar, Bispo Coadjutor. Em 1984, com a renúncia, por questão de idade, do bispo Dom Manuel Pedro da Cunha Sintra, Dom Veloso assumiu o governo da diocese. Entre as suas inumeráveis realizações estão a construção do Seminário Nossa Senhora do Amor Divino, das Faculdades Católicas, que deram origem à UCP, e da torre da Catedral de Petrópolis.

O sexto ocupante da cadeira número 1

Versejar era a sua sina, diria ele próprio num de seus poemas, o já referido “Sétima cantiga” (*Vou cantando essas cantigas/ Umas revelo, outras não./ Umas, atiro-as aos ventos/ As outras ao coração.*)

Nascido no Rio de Janeiro no dia 30 de julho de 1938, e falecido em Brasília no dia 7 de janeiro deste 2019, Gustavo Wider se considerava petropolitano, pois passou a morar em Araras aos cinco anos, quando ingressou num colégio interno, do qual foi retirado aos nove pelo seu pai, um ourives fabricante de

alianças que o queria em sua banca diariamente, das 7 às 17, com apenas uma hora para almoço. “O pouco tempo que lhe sobrava, no entanto, dedicava-o à leitura dos clássicos, apaixonado que sempre foi pela literatura, e à audição de música erudita, de que havia grande acervo na casa, porque era o maior prazer do seu pai”, segundo um seu confrade na APL, o já citado Fernando Costa, que acrescenta: “O adolescente Gustavo, impregnado de música, influenciado por grandes escritores brasileiros e portugueses, e inspirado pela magnífica paisagem de Araras, muito cedo começou a poetar. E, aos 14, 15 anos já tinha poemas seus publicados nas revistas Alterosa e Vida Doméstica, muito populares à época, e nas colunas dos nossos periódicos”.

Em 2002 Gustavo Wider estreou em livro com “Caminhos e descaminhos”, que lhe valeu o Prêmio Carauta de Souza, da APL. A partir dali, ele viria a colecionar troféus, medalhas e diplomas, tendo sido, inclusive, premiado uma segunda vez por esta Academia, em 2006 (Prêmio João Roberto D’Escragnolle), pelo conjunto da sua obra, que inclui mais os seguintes títulos: “Tratado de metrificação e composição poética”, “Folhas que o vento deixou”, “Portas abertas”, “Contos e crônicas”, que, como o título deixa claro, é sua incursão pela prosa, o que lhe rendeu muitos elogios – a começar pelos do acadêmico Fernando Py, um crítico literário exemplar.

Acrescente-se que Gustavo Wider foi Membro Emérito da Academia Brasileira de Poesia – Casa Raul de Leoni, e que muitos de seus poemas e palestras figuram em antologias, o que por si só dá uma medida do interesse que o seu legado desperta.

Caríssimas senhoras, preclaros senhores:

Fecho esta celebração a Gustavo Wider e a todos os que me antecederam na cadeira número 1 com um achado na introdução do livro “Poetas petropolitanos – uma saudade”, proeza antológica do acadêmico Paulo César dos Santos, para a qual ele tomou por mote esta pérola de André Maurois: “Não sabemos como ressuscitar os mortos, mas podemos aprender a reviver os seus sonhos”.

Para todas e todos vós, que tão bem me acolhem nesta cidade, e para dar razão a Gustavo Wider, o que de sonhos fazia a vida, ressuscito os de um poeta das Alagoas chamado Lêdo Ivo (1924-2012), inspirados nesta Serra dos Órgãos:

As montanhas caminham na paisagem

E me rodeiam quando estou dormindo.

E quando estou dormindo sonho com as montanhas.

Tento alcançá-las, mas as minhas mãos também sonham.

Tudo em mim sonha quando estou dormindo o meu sono de pedra.

Sonho que as montanhas também estão sonhando.

Sonho que as montanhas sonham comigo quando estão sonhando.

Sou o sonho das montanhas. E quando acordo volto a sonhar e me transformo em montanha.

Tenho dito.

